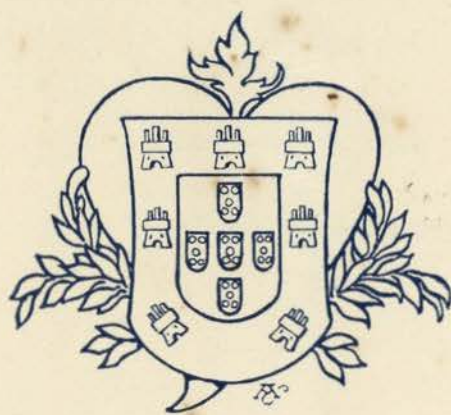


TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA



LISBOA
Na Oficina do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24.
MCM XVI

SUMARIO

N.º 9 — OUTUBRO DE 1916

	Pag.
A architectura pré-românica em Portugal — Lourosa — <i>D. José Pessanha</i> ..	65
Medicina popular: Quebradura — <i>Dr. Claudio Basto</i>	74
Egreja da Senhora da Piedade da Merceana — <i>Ribeiro Christino</i>	76
As colhéres «bordadas» (Arte popular alentejana) — <i>Dr. Vergilio Correia</i> ..	79
Gravura popular portugueza — <i>M. Gardoso Martha</i>	82
Notas: Grimpas de Montemór-o-Velho — <i>V. C.</i>	91
«Arróchos» de Larinho e Felgar (Moncorvo) — <i>V. C.</i>	92
Um tumulo «renascença» — <i>J. P.</i>	93
Exposição de tapetes de Arrayollos	94
Cronica	95

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

PORTUGAL	1 \$20	ESTRANGEIRO	7 frs.
AFRICA E INDIA	1 \$40	BRAZIL	7 \$00

Numero avulso \$20

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO :

VERGILIO CORREIA

EDITOR E PROPRIETARIO :

D. SEBASTIÃO PESSANHA

DIRECTOR ARTISTICO :

ALBERTO SOUZA

ANNO 1.^o—N.^o 9

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Rodrigo da Fonseca, J. P. — Lisboa
Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

OUTUBRO DE 1916

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

(Continuado da pag. 14)



o mesmo modo que quem percorre o lanço de estrada entre a Regua e Lamego facilmente descobre, quasi no fundo de um daquelles apertados valles da região do Douro, o solar e a capella de Balsemão, quem segue a linda estrada que, partindo de Coimbra, atravessa a Alta Beira até aos primeiros contrafortes da vertente occidental da Serra da Estrella, nota, á direita, em uma depressão de terreno, pouco antes de chegar á Venda da Esperança, um campanario ogival, elevado e denegrido, a dominar uma pequena povoação.

A paisagem differe, comtudo.

Lá, as rochas graníticas dominam, impõem-se; os valles são profundos; as ravinas, abruptas; a expressão geral da natureza, severa e grandiosa.

Aqui, as ondulações do terreno obedecem a um rhythmico amplo, e a paisagem, não tendo a entonação bucolica do fertil Minho, que sem difficuldade abastece uma população densa e despreoccupada, apresenta, no entanto, uma physionomia luminosa e quasi doce. Alternando com as manchas avermelhadas do terreno schistoso, cobrem os largos relevos orographicos os milharaes, os vinhedos, os pinheiros bravos, os carvalhos frondosos, os castanheiros seculares. E, ao longe, num vago tom entre azul e roxo, ergue-se, gigantesca, fechando o horizonte, a Serra da Estrella.

Esse campanario medieval de duas sineiras, nuncio de uma propecta igreja, pertence á matriz de Lourosa, — uma das freguesias do concelho de Oliveira do Hospital.

Deixando a estrada da Beira, desçamos até á quieta villazinha.

Basta uma rapida observação para nos revelar a antiguidade de Lourosa.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL



FIG. 1 — LOUROSA — PELOURINHO E SOLAR DA FAMILIA CUNHA
(Cliché do sr. Abel Amara)

hombreiras da cancella que fecha a horta, uma ara votiva, de granito, levemente modificada.

Mas o monumento que se impõe, é o vetusto santuario, em cuja fachada um caracteristico *ajimez*, — privado, embora, já, do mainel — attrahe a nossa attenção, como exemplar unico em Portugal.

Entremos.

A matriz de Lourosa é uma igreja de tres naves, — desiguaes, como, em regra, succede, quanto á largura e á altura, mas desiguaes tambem, — o que é singular, — quanto ao comprimento, sendo a central consideravelmente mais extensa do que as lateraes.

O aspecto da fachada principal, voltada ao poente, não revela essa estranha desigualdade; mas uma observação attenta do monumento pelo lado sul denuncia-a, em certo modo, e o exame interior do venerando edificio, — millenario, pelo menos, — mostra-a claramente. A parte dos corpos lateraes, que constitue, propria-

Nalgumas habitações, vêem-se columnas romanas, — encontradas (segundo informação do meu guia) junto ao Carvalho, em terrenos de sementeira, a pequena profundidade. Quer no pelourinho, quer nos humbraes e linteis de grande numero de portas, perdura a arte manuelina. Junto do campanario da velha matriz, notam-se, abertas na rocha, algumas sepulturas, de forma trapezoidal. E, se penetrarmos no terreiro que medeia entre a residencia do vigario e o templo, facilmente notaremos, como elemento de uma das



FIG. 2 — IGREJA DE LOUROSA — FACHADA PRINCIPAL
(Cliché do sr. Marques Abreu)

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

mente, *nave*, é aquella que, por meio de arcos em fôrma de ferradura, está em communição com a central.

Do lado da Epistola, segue-se ao collateral, sem communição com elle, uma capella

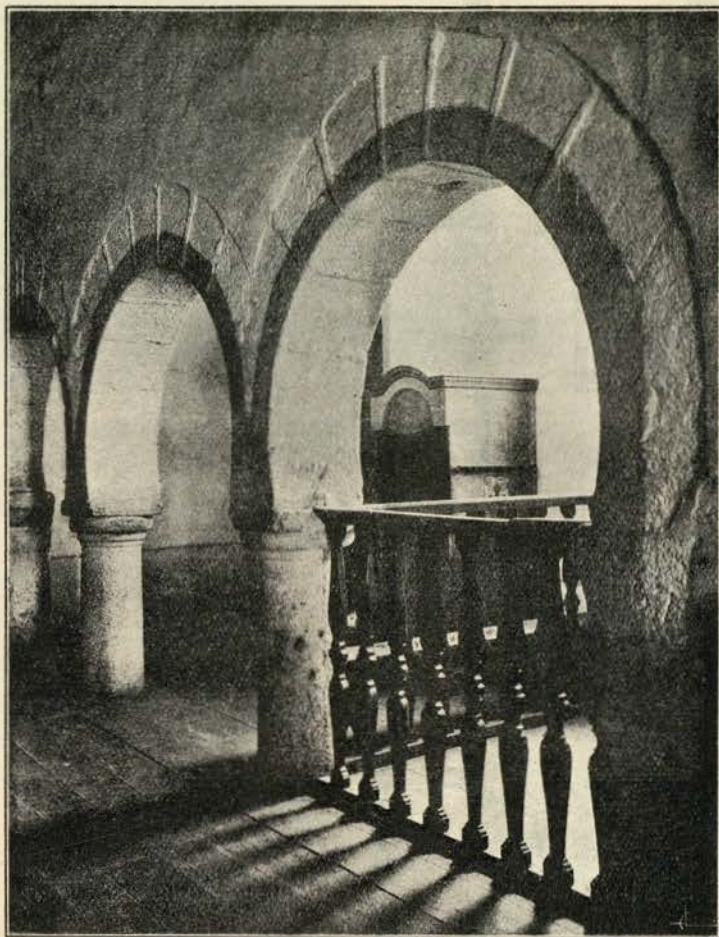


FIG. 4 — IGREJA DE LOUROSA — ARCOS DO LADO DA EPÍSTOLA
(Cliché do sr. Marquez Azevedo)

do seculo XVIII, á qual se encosta o corpo, de construcção recente, em que se aloja a moderna escada do côro. Este annexo, cuja largura é igual á da capella e á da nave propriamente dita, avança até ao plano da fachada.

Do lado do Evangelho, abre-se, na parede do fundo, uma porta rectangular, transposta a qual se nos depara uma escada tósca, tão deformada já, que é penoso subi-la. Era a antiga escada do côro, parecendo, comtudo, haver sido construída anteriormente a esse elemento, — que data do seculo XVIII, — com uma funcção que não podemos hoje determinar. A caixa dessa escada representa exactamente o prolongamento da nave lateral até á fachada. Nella ficariam, pois, accusadas, se não fôra o campanario, tres naves, de igual extensão.

A' nave media segue-se uma ampla capella-mór, cujo arco triumphal, do seculo XVIII, marca a essa nave, da

parte do nascente, um limite que excede tambem o das naves lateraes.

Aos lados da capella-mór e em communição com ella ficam, á esquerda, a sacristia e, á direita, uma arrecadação, que foi, em tempo, capella, dedicada a S. Martinho. Estes dois recintos são desiguaes, sendo o mais amplo o da esquerda.

Ao collateral da parte do Evangelho e seu prolongamento encostam-se varias dependencias, sem interesse.

Dividem as naves duas series de tres arcos em fôrma de ferradura, apoiadas, nos extremos, em impostas muito salientes e, na parte media, em abacos rectangulares, que assentam sobre columnas. Os capiteis e as bases, de feição toscana, lembram os roma-



FIG. 5 — PEDRA COM A DATA 950, COLLOCADA INTERIORMENTE SOBRE A PORTA PRINCIPAL (1)
(Desenho do natural pe'o sr. Alfredo da Assumpção Santo)

nos de muitos pontos do país e são semelhantes ás bases das columnas de S. Pedro de Balsemão.

O solho, bastante superior ao nível do terreno em que foi construída a igreja, deixa occultas as bases e parte dos fustes. Quando, no dia 1 de maio d'este anno, estive pela primeira vez em

Lourosa, consegui que, junto de uma das columnas, fossem levantadas algumas tabuas e se excavasse o necessario para examinar e medir a base e verificar a altura do fuste. Reconheci então que a base é o capitel invertido e mede 0^m,23; e que a altura total do fuste é de 1^m,15. A parte visivel tem apenas 0^m,88.

Essas duas arcadas, que constituem, por assim dizer, a nota dominante do monumento e, com o *ajimez* da fachada, documentam a sua altissima antiguidade, — mantêm inalterada a primitiva fórma e apresentam uma accentuada unidade e correcção. Sómente o arco medio da serie do lado do Evangelho foi inutilizado pelo pulpito (do primeiro terço do seculo XVIII), a que dá accesso uma pequena e incorrecta escada *de caracol*, que se desenvolve no interior da nave esquerda.

Proseguindo na observação das paredes que dividem as naves, é facil distinguir, na imposta em que, do lado occidental, se esteia a arcada direita, os caracteres reproduzidos na fig. 7.

Crê o sr. Joaquim de Vasconcellos que essas siglas correspondiam a uma data, mutilada quando, nos fins do seculo XII, se realizou (como o illustre archeologo então pensava e eu ainda penso) o prolongamento da nave média. E', porém, manifesta a integridade da imposta em que foram gravados taes caracteres, que parece serem os algarismos 1-6-8-7, o segundo e o

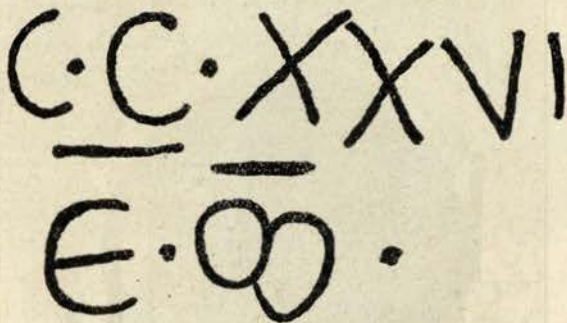


FIG. 6 — DATA GRAVADA NUMA IMPOSTA (LADO ESQUERDO)
(Calco do sr. Marques Abreu)

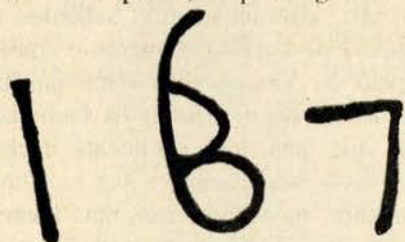


FIG. 7 — CARACTERES GRAVADOS NUMA IMPOSTA
(LADO DIREITO)
(Calco do sr. Marques Abreu)

(1) Conscienciosamente feito, este desenho reproduz, pela primeira vez, a fórma exacta da pedra. A unica reproducção absolutamente authentica dos caracteres é, porém, a que se encontra, sob o n.º 1, a pag. 25 do vol. VIII da *Arte* (Porto, 1912): — calco do sr. Joaquim de Vasconcellos, photographado pelo sr. Marques Abreu.

A ARQUITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

terceiro ligados, constituindo monogramma. Poder-se-ha, de facto, ler nessa imposta a data — 1687?

A' direita da arcada, vê-se um arco de volta perfeita, cuja curva, do mesmo modo que as impostas e pés-direitos, tem como secção um quarto de circulo. Esse arco, que deve datar do seculo xviii e é identico ao da entrada principal, constitue a portada da capella de Nossa Senhora da Piedade, que, segundo já vimos, veio encostar-se ao tópo do collateral direito, não o prolongando, todavia, até á fachada. Ha nessa capella duas imagens interessantes: — a de Nossa Senhora da Piedade, em cuja base se lê a data 1632, e a da Virgem com o Menino ao collo, que o sr. dr. Vergilio Correia compara a algumas do Museu Machado de Castro (Coimbra) e ás duas do retabulo da notabilissima Capella dos Ferreiros, na matriz de Oliveira do Hospital, attribuindo-a ao seculo xiv. E', na verdade, uma linda e typica estatueta gothica, delicadamente observada, graciosamente *cambrée*. Na capella, ha, na parede exterior, uma pequena fresta com esbarro.



FIG. 8 — IGREJA DE LOUROSA
ARCO DO LADO DO EVANGELHO. NA IMPOSTA, A DATA 1226
(Clicado ao sr. Marquez Abreu)

a nave lateral, interceptá-la-hia, porém. Se, de facto, houvesse sido janella, a sua existencia dar-nos-hia a prova de que essa nave era, primitivamente, menos extensa, mas levar-nos-hia tambem a inferir a desigualdade das naves, o que se me afigura absurdo. Creio, pois, que se trata de um elemento méramente decorativo.

Observemos agora a parede opposta.

Referi-me já ao pulpito. Inscripto no arco medio, destroe o effeito da arcada; e em tanta maneira desfigura a nave dêsse lado, que o vigario de Lourosa, ao redigir, em 1758, a sua informação para o *Diccionario Geographico*, duas naves, apenas, contou na vetusta igreja.

Na imposta correspondente áquella em que notámos a data, problematica, 1687, lê-se, em duas linhas: — C. C. XXVI — E. M. (fig. 6).

Segundo tradição recolhida pelo sr. J. de Vasconcellos, esta data, 1226, que representa, como se sabe, o anno 1188 da nossa era, refere-se a um altar que esteve encostado ao lugar onde se acha gravada.

Por ultimo, prende a nossa attenção, na parede que estamos examinando, uma depressão rectangular, cujo fundo é constituido por um enxadrezado, em que os losangos são, alternadamente, salientes e reintrantes. Este curioso elemento é considerado pelo sr. Vasconcellos como janella archaica, do estylo do *ajimez* da fachada.

A parede que, pelo lado do poente, fecha

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

Segundo me pareceu, os losangos reítrantes são de cantaria; os salientes, de alvenaria. Uns e outros, do mesmo modo que todo o interior da igreja, acham-se recobertos de cal.

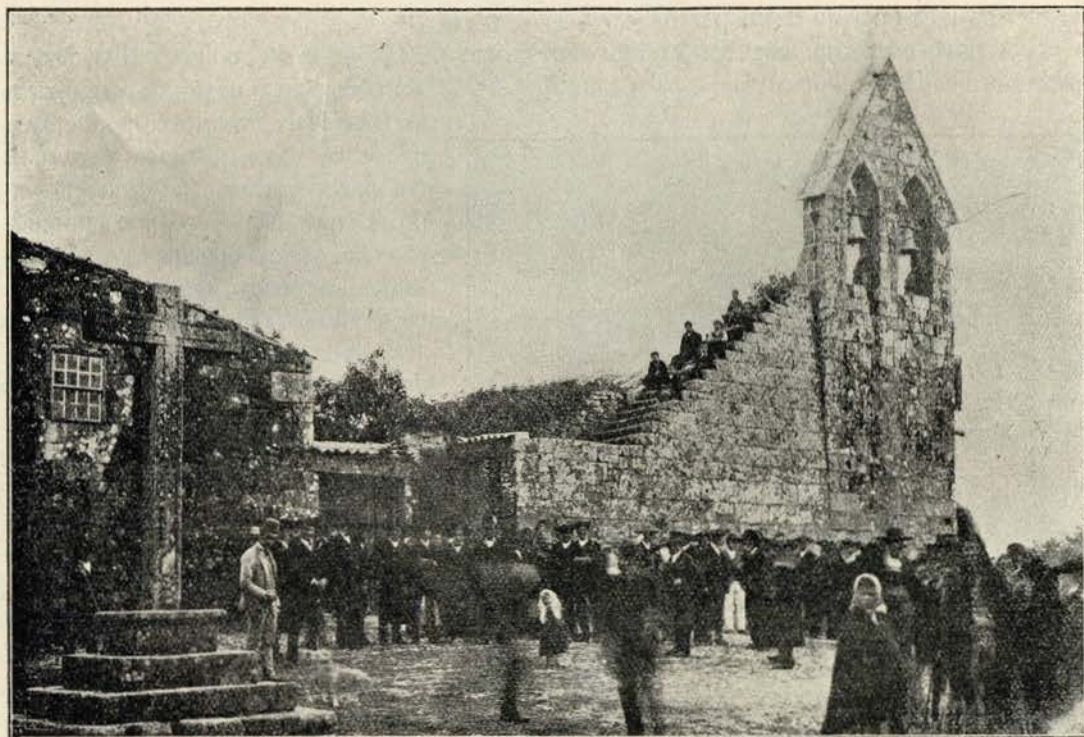


FIG. 9 — IGREJA DE LOUROSA — CAMPANARIO COM A ANTIGA ESCADA
(Cliché do sr. Abel Amora)

Observam-se, noutros pontos, depressões regulares, como esta, mas sem o enxadrizado que a singulariza. Teriam, acaso, alojado pedras brazonadas? monumentos epigraphicos? . . .

No fundo da nave, ergue-se o côro (seculo xviii), cuja parte anterior se esteia em duas columnas, que emergem de taças circulares, destinadas à agua-benta e assentes, por sua vez, em pedestaes de quatro faces.

A' altura do pavimento do côro, a meio da parede, vê-se a custo, fundamente gravada numa lapide de granito, que affecta a fôrma trapezoide (compr. max., 0^m,85; larg. max., 0^m,20), em caracteres gothicos, a data 950 (fig. 5), que corresponde ao anno 912 da era christã, data que tem sido considerada como aquella em que foi edificado o templo.

No extremo opposto, rasga-se, apoiado em pilastras, o arco triumphal, obra do seculo xviii.

No tôpo inferior da nave lateral direita, nota-se uma pequena fresta, que deve datar de seculo xvi, ou do seculo xvii, e que o altar de Nossa Senhora da Piedade inutilizou. Foi sem duvida então que, na parede lateral, se abriu a ampla janella rectangular, com esbarro, que lá se vê.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

Nessa parede, ha tambem uma porta, de verga horizontal, não anterior, decerto, ao século xvi.

No tópo oriental, o rebôco deixou occulta uma archivolta de ferradura, perfeitamente visível na face opposta dessa parede.

A nave esquerda tem, nas extremidades, duas portas: — a do poente, baixa, larga e meio arruinada, dá, como vimos, para a antiga escada do côro; a do nascente, inscripta no

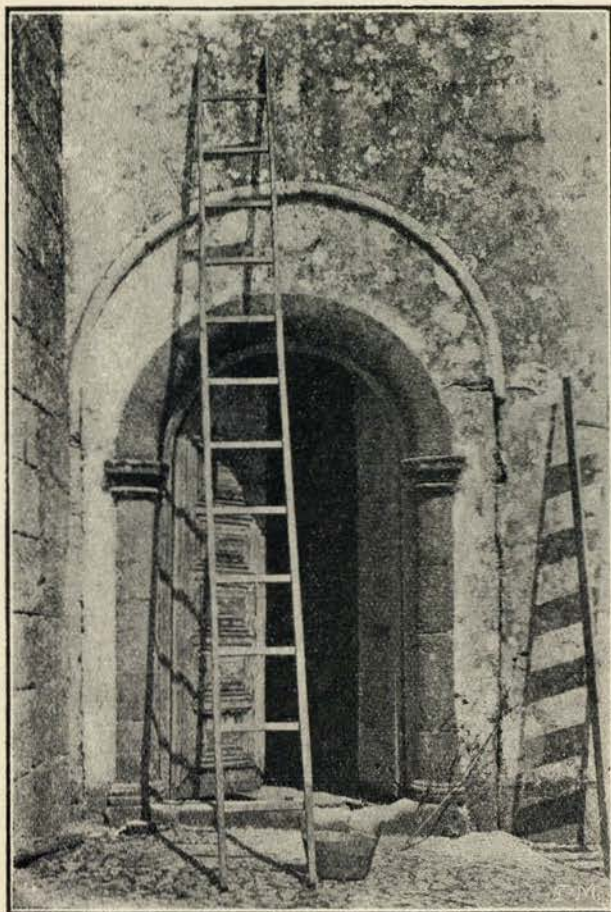


FIG. 10 — IGREJA DE LOUROSA — PORTA PRINCIPAL. A' DIREITA, O SULCO ABERTO PARA ESTUDO DA PRIMITIVA
(Clichê do sr. Marques Alreu)

arco de ferradura correspondente ao da outra nave, dá para a sacristia. Na parede lateral, ha tambem uma porta, que estabelece a communicação com as dependencias que se encostam á face norte da igreja, e uma fresta (século xvi?), que ellas inutilizaram.

A capella-mór tem, de cada lado, uma porta e uma janella. Uma das portas dá para a sacristia; a outra, para a arrecadação. Das janellas, ficou inutilizada a do lado do Evangelho, em virtude de ampliação da sacristia.

Na arrecadação, cujas paredes só numa pequenissima parte foram rebocadas, tres elementos se impõem logo ao nosso exame: — Uma porta para o exterior, sobre cujo lintel se nota um como arco de resalva, e duas archivoltas completas, em fôrma de ferradura: uma, integrada na parede que antecede o arco triumphal, correspondia a um vão que ficava no alinhamento da arcaria direita da nave; a outra, incorporada na parede perpendicular áquella, fazia parte do vão terminal da nave do lado da Epistola. Já a este arco me referi. Ha, ainda, nesse recinto, uma pequena janella com esbarro (século xvi?), que dá para o patamar da escada de acesso á porta lateral sul.

Na sacristia, repetem-se, symetricamente, esses tres elementos, tornando-se, porém, mais difficil a sua observação, em consequencia de haverem sido rebocadas e caídas as paredes dessa peça. O arco sobre a porta que dá para o terreiro entre a igreja e a residencia parochial, só exteriormente, mesmo, é visível, ao contrario do que succede do lado opposto. Na parede oriental da sacristia, rasga-se uma ampla janella. Foi essa parede que inutilizou a janella da capella-mór.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

Vejamos agora o exterior do precioso edificio.

Na fachada principal, voltada ao occidente, o corpo medio termina em empena. A porta é perfeitamente igual ao arco da capella de Nossa Senhora da Piedade e inscreve-se na primitiva, cuja linha de extradorso se accusa ainda, em grande parte, sob o rebôco, por um cordão bastante saliente. Apenas os saimeis e as impostas foram roçadas, para que o respectivo balanço não prejudicasse a inscripção da nova porta, como o indica uma das nossas gravuras, que reproduz uma interessante photographia obtida pelo sr. Marques Abreu, quando, no dia 1.º de Maio do corrente anno, esteve commigo em Lourosa. Essa photographia mostra o sulco que mandámos abrir na parede, para mais completa observação dos elementos da primitiva entrada. A parte superior é occupada por uma janella dupla, com archivoltas em fórma de ferradura. O mainel foi eliminado, o que se observa com frequencia nas janellas geminadas, — por exemplo, as da epoca manuelina. Integrado na architectura mahometana peninsular, esse typo visigothico de janella recebeu a designação de *ajimez*. E' muito conhecido o do atrio ducal de Merida, actualmente no museu desta cidade. Dêsse typo, mas do seculo xvi, ha elegantissimas janellas em Evora, no paço de Sintra, etc. Da Alta Idade-Media, creio ser unica a de Lourosa.

A' esquerda, occultando o corpo lateral e parte do medio e avançando um pouco, ergue-se o campanario, de estylo ogival, com duas sineiras e terminado em angulo agudo, em cujo vertice se fixa uma pequena cruz. Junto ao campanario, levanta-se, do lado esquerdo, uma construcção prismatica, onde se aloja a escada moderna, helicoidal, de acesso ás sineiras. A antiga, a descoberto, vê-se ainda numa das nossas gravuras. Foi vandalicamente sacrificada, ha alguns annos, por um dos ultimos vigarios, com o fundamento, segundo ouvi, de que, por meio della, lhe devassavam a residencia.

Protegidas por essa escada, chegaram até nós algumas sepulturas cavadas no schisto, com a fórma do corpo, idênticas (observa o dr. Vergilio Correia) a outras do conceito (1).

A' direita do corpo central da fachada, vê-se uma parede baixa, com uma porta. E' da pequena construcção, recentissima, coberta com um telhado de uma só agua, que abriga a moderna escada do côro. No trecho da parede sul da nave central occulto por essa construcção, notou o sr. J. de Vasconcellos uma inscripção romana, — evidentemente em pedra antiga, aproveitada como silhar. Encobre-a hoje o rebôco geral das paredes do recinto e por isso nos é impossivel reproduzi-la.

Na fachada sul, que dá para via publica, attrahe a nossa attenção a porta do collateral direito, de vão quadrangular e á qual se sobe por uma escada de alguns degraus, em cujo patamar apparece, invertida, uma tampa sepulcral da epoca romana, *arciforme* (isto é,

(1) Com variadas fórmas, abundam em Portugal, sobretudo no centro e norte, as sepulturas abertas nas fragas, quer insuladas, quer em grupos. Como, em geral, têm apparecido vazias e sem tampa, é difficil determinar-lhes a epoca. Parece que as rectangulares são pre-mediavaes e quasi sempre pagãs, e as trapezoides, como as de Lourosa, da Idade-media. As pagãs devem ser, na maioria, posteriores ao seculo iii, porque foi de então por deante que, mercê da influencia do christianismo e de outras religiões orientaes, voltou a ser geralmente preferida, no mundo romano, a inhumação á incineração, — que, já antes da conquista, se praticava na Lusitania. (Vid. *O Archeologo Português*, vol. X, pag. 18, e J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, tom. III, pag. 369 seg. e 583.)

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

semicylindrica) e massiça. E' de crer que não seja anepigrapha, devendo a inscripção existir no dorso, ou no tópo que a parede occulta (1).

A observação exterior do edificio pela parte oriental e pela parte norte apenas um elemento (mas esse, como veremos, de interesse capital, sob o ponto de vista da reconstituição do primitivo templo) nos revela: — a porta da sacristia, sobre cuja verga, mais extensa do que a largura do vão, existe um arco, aparentemente destinado a alliviá-la. Do lado esquerdo, os dois silhares inferiores da humbreira apresentam uma face convexa.

O edificio não é abobadado.

(Continúa.)

D. JOSÉ PESSANHA.



MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

(Continuado de pag. 64 do tom. I)

b) — Na REVISTA LUSITANA, vem transcrito êste remédio popular do século XVII: (2) «Remedio para os quebrados. — Tomar minhocas que jazem aos pes das laranjeiras e as lansarão em bom uinho e uinagre e as porão em hum pocarinho, ou vaso pequeno, com trementina, que as cubra e as porão ao sol, athe se desfaserem, e com este unguento untarão a uerilha quebrada e lansem em sima poo de ensenso e por sima lhe porão funda ou braçeiro, com que ande apretada, e deixem-no andar, athe que a uima se desfasa, e isto será 3 uestes, ou as que for necessario e aproveitada munto.»

c) — Curvo Semedo, depois de enaltecer o emprêgo do cão vivo na cura das quebraduras, faz alusão a uma therapêutica popular, mencionando de passo outros processos de recoiher o conteúdo das hérnias. Diz êle: «Destas observaçoens [vários casos historiados] pôdem conhecer os curiosos a grande virtude que tem o calor natural do caõ para abrandar as dores das quebraduras, & dispor os intestinos para que mais facilmente se recolhaõ; o que não pôdem fazer as fomentaçoens dos pannos quentes, nem das borras de azeyte, porque não tem calor, que persevere com a igualdade, & brandura, com que persevera o calor do caõ; & porque algumas vezes succede não se recolherem as tripas, por mais excellentes remedios que para isso se applicuem, direy o que vi fazer a hum rustico; porque, como dizem Hippocrates, & outros Authores graves, tambem destes devemos aprender; & foy o caso, que não se podendo recolher as tripas a hum Lavrador, lhe meteo por

(1) Note-se que, na Aquitania e em Ravenna, tinham essa fórma, nos primeiros seculos do christianismo, as tampas dos sarcophagos (André Peraté, *L'archéologie chrétienne*, pag. 324 e 326); e que, em cemiterios christãos e ermidas das cercamias de Lisboa, encontrou o sr. dr. F. Alves Pereira pedras dêsse typo, mas destituídas de inscripção (*O Archeologo Português*, vol. XIV, pag. 261).

(2) *Revista Lus.* IV, 118, — artigo *Receitas de medicina popular portuguesa do seculo XVII*, por P. A. de Azevedo.

MEDICINA POPULAR: «QUEBRADURA»

bayxo hum odre cheyo de vento, & calcando-o a pés juntos, se recolhêraõ com esta ajuda de vento, & de improviso o livrou da morte. Não digo que este remedio se applique com qualquer pequena necessidade; mas havendo algum grande aperto, & não aproveytando os outros remedios, se pôde fazer este» (1).

d) — Na mesma POLYANTHEA, de Curvo Semedo (2), se alude a um emplastro para curar hérnias: «Na casa do Senhor Dom Francisco de Sousa, Capitão da Guarda, se faz hum emplastro para as quebraduras, de singular virtude;». — António Ferreira, na LUZ VERDADEYRA, (3) também menciona vários emplastos, dizendo como se fazem. — A respeito de um miraculoso emplastro que Monravá e Roca fazia para as hernias e fracturas, com o seu *sal humano*, vid. Maximiano Lemos, HISTORIA DA MEDICINA EM PORTUGAL, II, 114 (4).

«L'emplâtre *contra rupturam*, les applications astringentes, les cataplasmes faits avec la folle-fleur de tan macérée dans le vinaigre, l'alcali volatil, et mille autres moyens du même genre, prônés par le charlatanisme le plus grossier, restent, sans action réelle, sur les ouvertures de l'abdomen. On s'étonne que ces moyens soient encore distribués au peuple». . . (5) — Cfr. versão 16.

e) — Num ms. da Biblioteca de Évora (6), lê-se: «Pera o homem que he quebrado esprevey este evangelho In principio erat verbum et verbum erat em hum uasso de prata e lavao e dallo por tres manhãs a beber.» (fol. 163 v.).

f) — Um dos velhos remédios mais usados contra as quebraduras era a «erva herniária»: — «a herva chamada Herniária, ou holleriana, é efficacissima, como o nome está mostrando, dando o çumo em vinho por nove dias, ou bebendo da agua estillada della; & posta em fôrma emplastica pizada, cujo effeito fazem tambem as alfarrobas verdes machucadas, & applicadas.» (7) — «*La herniole glabre, herniaria glabra*, et la *herniole velue, herniaria hirsuta*, toutes deux très-communes chez nous, dans les lieux arides et sablonneux, sont connues vulgairement sous le nom de *turquette*. . . On comptait autrefois beaucoup sur l'efficacité de leurs applications à l'exterieur sur les hernies.» . . . (8)

g) — Na *Revista do Minho* (9) vem esta superstição mineira: «Para curar uma quebradura, vai-se a um monte de terra, que terá cinco palmos d'alto, fabricado pelo capim; enche-se um saquinho d'ella; põe-se e conserva-se uma noute inteira em cima da hernia; no dia seguinte vae-se de noute ao monte, atira-se com o saquinho, sem olhar para traz, para o mesmo ponto em que a terra fôra apanhada, e ahí está a cura completa.»

(Continúa.)

CLAUDIO BASTO.

(1) *Polyanthea Med.*, 4.^a impressão, Lisboa 1727; pág. 308.

(2) Pág. 732.

(3) Pág. 119.

(4) Lisboa 1899.

(5) *Dictionnaire abrégé des sciences médicales*, Paris 1823, tómo 9.^o, pag. 91.

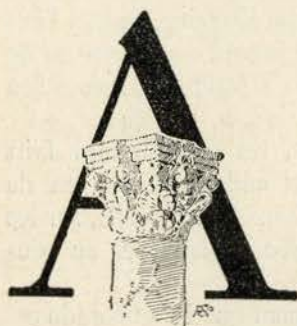
(6) *Apud* Maximiano Lemos, *Hist. da Med. em Portugal*, I, 23, nota.

(7) António Ferreira, *loc. cit.*, pag. 119.

(8) *Dict. abrégé des sc. méd.*, Paris 1823, tómo 9.^o, pag. 105-106.

(9) VI anno, n.^o 7. O artigozito é assinado por Francisco Inácio Pereira e datado de Juiz-de-Fora.

EGREJA DA SENHORA DA PIEDADE DA MERCEANA



região do alto concelho de Alemquer é linda. Verdejantes vinhedos revestem as extensas ondulações dos terrenos que entestam com as cumeadas da Serra Gallega, que serve de continuação á alterosa Serra de Montejunto, a qual, por sua vez, imprime character á paisagem, com o seu aspecto de gigantesco cetaceo, que viesse, ferido, do mar, a morrer estirado por aquelles campos fóra.

Sem querer, ao ver a insistencia com que a vinha, com os seus pampanos e cachos, tapeta montes e valles, lembram-nos tempos idos do paganismo classico, em que as rondas dionísicas de faunos e bacchantes iam em cortejo a Pan e a Sileno, doidejando pelos vinhedos da velha Grecia. Todavia, pelos valles alem-

querenses, além do exuberante tapete de verdura, renques de elegantes choupos desenham o leito dos ribeirinhos, e, de qualquer ponto alto, vêmos sempre varias brancas aldeias, casaes, moinhos de vélas, animando garridamente a paisagem.

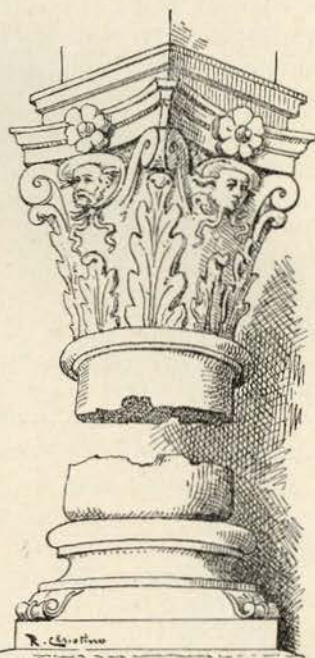
E' entre esses pitorescos e abastados logarejos que se encontra a Merceana, com a sua tão interessante igreja do seculo xvi, da qual vou procurar, succintamente, dar palida ideia nas columnas da *Terra Portuguesa*.

A esthetica do aspecto exterior da igreja não dispõe bem. Isolada no seu terreiro, desagrada-nos a sua linha, accentuadamente *barôca*. Foi decerto reedificada no «setecentos», em virtude do terremoto; mas saltam-nos á vista as duas torres sineiras, grandes, desproporcionadas, como que esmagando a parte inferior da fachada, em que se nota uma singela arcaria de voltas perfectas e abatidas.

Sobre o lintel da porta principal destaca-se uma cabeça de anjo entre dois escudetes, ligados por festões, composição no estylo «João V»; as torres são terminadas por cupulas de curvaturas em varios sentidos, com gallos de metal nas grimpas, rematadas em cruz.

Entrando no templo, o aspecto *barôco* quasi esquece, ante os primores de architectura da Renascença, que se nos deparam.

Oito esveltas columnas sobre pedestaes, tudo de marmore de duas côres, sendo quatro por banda no sentido longitudinal, formam tres naves; as columnas vêem-se rematadas por capiteis de marmore doirado, com leve intenção de acanthos corinthios e tendo cada um quatro bem modeladas cabeças de phantasia, sob os respectivos ábacos.



CAPITEL E BASE
(Desenho do natural por J. Ribeiro Christino)

EGREJA DA SENHORA DA PIEDADE DA MERCEANA

Os capiteis servem, por sua vez, de apoio a arcos plenos, adornados no intradorso e nos pendentes com pinturas de flores e de personagens biblicos. São igualmente pintados os tectos das naves, tendo o mais alto, o do centro, a meio, uma grande composição representando Nossa Senhora entre a Trindade.

E' surpreendente o arco de triumpho da capella-mór, todo de marmore branco, com os ornamentos destacados a oiro fôsko, e que foi dividido em tres pilastras: a interna tem estrias; na do centro, desenvolvem-se graciosos *grotescos*, em pendente symetrico; na pilastra exterior, que tem toda a altura da nave, sobressae um admiravel columnelo com galbo de pura phantasia, lembrando os da grande janella Renascença das Capellas Imperfeitas da Batalha.

O grande arco, de volta perfeita, tem, por sua vez, duas divisões concentricas: na de menor raio, salientam-se quadrifolios regularmente espacejados, identicos aos dos Jeronymos; e no de maior raio, figuram cabeças de anjos symmetricas, olhando para um pequeno cherubim no fecho do arco.

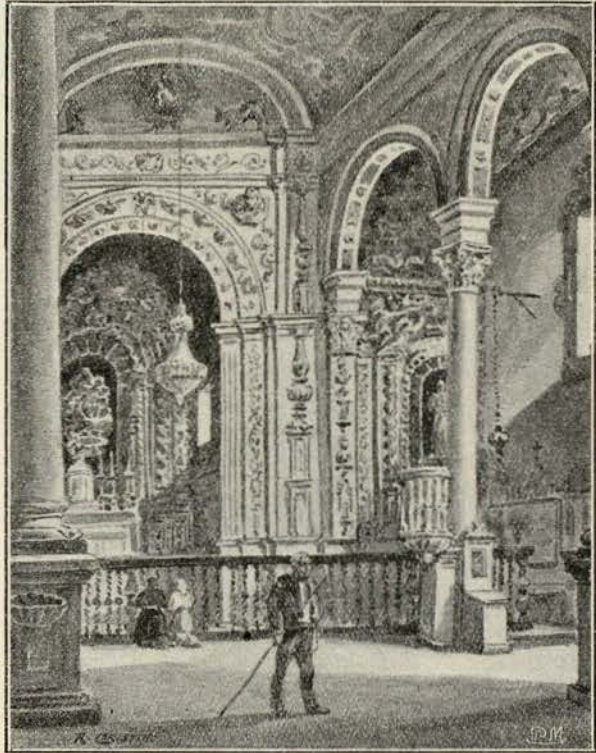
No alto, em friso, corre um silvado de espiras, com folhagens, e nos dois triangulos mixtilineos, que resultam de cada lado, destacam-se, num medalhão decorativo, muito salientes, os bustos, em grandeza natural, da rainha D. Leonor, do lado da Epistola, e do rei D. João II (?) do lado do Evangelho. E' muito interessante a indumentaria das duas figuras, bellamente modeladas.

Uma data, a de 1525, gravada numa taboleta das pilastras, determina a época da construcção, que, pelo gôsto e elegancia que se lhe nota, se não é devida a João de Castilho, deverá ser de algum talentoso auxiliar e seguidor daquelle grande mestre architecto.

O envasamento da vasta capella-mór é de marmore polychromo, no genero do mosaico italiano seiscentista, em nada inferior aos que se admiram em S. Roque e em S. Vicente de Fóra, na capital.

Em estilo *baróco* é a talha doirada, tanto desta capella, como nos altares das duas capellas lateraes, com as conhecidas columnas salomonicas, *rocalhas*, folhagens, nichos e anjos, que de alto a baixo as ornamentam.

No centro do altar da capella-mór, num camarim tambem de talha doirada, imitando uma arvore com anjinhos de encarnação, guarda-se a primitiva imagem da Senhora da Piedade, o orago desta antiga e notavel egreja, a qual é sabido ter sido mandada construir



EGREJA DA MERCEANA — INTERIOR
(Desenho do natural por J. Ribeiro Christin)

EGREJA DA SENHORA DA PIEDADE DA MERCEANA

pela rainha viuva, D. Leonor, em homenagem á aparição, numa arvore, em milagre da época, da imagem da Senhora da Piedade.

E' tempo de contar aos leitores desta artistica e patriotica publicação o que foi esse *milagre*, identico, afinal, a tantos outros, como os da Nazareth, de Carnaxide, etc., a que o clero dêsse tempo arteiramente dava realidade, para os fins da sua supremacia; tanto mais que os magnificos azulejos seiscentistas e setecentistas, que formam o *lambris* lateral do templo, nol-o estão a narrar, nos seus luzidios esmaltes.

Contam-se, ao todo, quatorze retabulos dêsses azulejos, coloridos a branco, a amarello, a roxo, azul e verde, repetindo-se em todos o mesmo *encadrement*, o qual consiste em grande oval ornamentada a louros, sustentada no alto por fita, que uma cabeça de leão segura na boca, e que dois outros leões, com xaireis, sustentam em baixo.

Dentro da oval, a branco e azul, dois anjinhos, de pé, seguram por sua vez outra oval menor, tendo cada uma dellas um attributo da ladainha da Senhora, a saber: torre, arvore, cedro, espelho, palmeira, lirio, rosa, poço, urna, lua, sol e estrella; por ultimo, sobre cada dois retabulos, vêem-se dois quadrilongos no cruzeiro, tendo, de um lado, representado o milagre que deu origem á egreja.

Segundo resa a tradição, um zagal saiu a campo com seu gado; e, procurando num sitio arborizado o seu boi Mersana ou Merseano, que se tinha extraviado, encontrou-o prostrado com as patas deanteiras dobradas sobre si, em adoração á imagem da Senhora da Piedade, — representando, como é sabido, a Mãe de Deus com Christo morto sobre os joelhos, — apparecida numa arvore, a qual se vê ao centro da composição, com o boi de um lado e o pastor do outro, ambos em adoração; dois anjos, de pé e de azas abertas, mostram ao camponio e ao animal a aparição.

Este mesmo assumpto vê-se tratado em ponto grande e em baixo relêvo colorido por sobre todo o friso do arco de triumpho da capella-mór.

No azulejo fronteiro, que fórma *pendant* com o que referimos, e tambem a azui e branco, vê-se a romaria de varias personagens com casacas D. João V, que veem venerar ou buscar a imagem da Piedade.

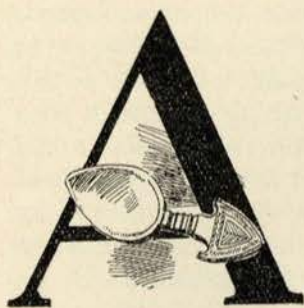
Haveria ainda a referir a obra de talha do côro, com as suas ornadas misulas e balaustrada doirada; as guarnições de esculptura, tambem em doirado marmore, que ornamentam as janellas; as estatuetas da Senhora e do Menino nas sobreportas lateraes do templo; a rica teia de madeira do Brasil, torneada em espiral, amparada a plinthos de marmore rosa, e o primitivo altar-mór Renascença, de talha dourada, que ornamenta actualmente a sacristia, para completarmos o descriptivo da artistica egreja, que a piedade de D. Leonor, que tantas obras pias e de assistencia fundou em Lisboa e na provincia, fez erguer no risinho e soalheiro sitio da Merceana, na primeira metade do seculo xvi.

Para não alongarmos, porém, o nosso artigo, pomos aqui ponto.

RIBEIRO CHRISTINO.

AS COLHERES «BORDADAS»

(ARTE POPULAR ALENTEJANA)



velha sentença popular — quem não tem que fazer, faz colheres — revela, dum modo singelo, expressivo e pitoresco, que os fabricantes destes modestos utensílios caseiros são, quasi sempre, aqueles a quem as circunstancias, o clima, ou as occupações quotidianas, obrigadas a longos periodos de imobilidade, forçam a procurar no trabalho manual um suplemento de proventos, ou um derivativo de atividade.

E', efetivamente, entre os serranos e os pastores que se encontram os mestres desta rudimentarissima arte de lavar a madeira.

O fabrico das colheres de pau, apresenta, em Portugal, como por quasi toda a Europa, dois aspetos distintos: um, de carater exclusivamente economico; outro, de feição principalmente artistica. Este ultimo aspeto é o que mais nos interessa, embora a colher de pau, de uso domestico, haja merecido já referencias desen-

volvidas a uma revista estrangeira (1). Entre nós, Pedro Fernandes Thomaz consagrou-lhe tambem algumas linhas (2).



FIG. 2 — DO ALGARVE

(1) A revista hungara de Koloovar — *Dolgozatok az Erdélyi Nemzeti Muzeum...* (Trabalhos da secção numismatica e arqueologica do Museu Nacional da Transilvania) — publicou em 1911 um estudo interessantissimo acêrca da colher de pau fabricada na região. Acompanham o artigo fotografias de todas as operações que medeiam entre a escolha do cavaco informe e a aparição do objeto completo, perfeito de linhas.

(2) *As colheres de pau nos usos populares do concelho da Figueira*. «Boletim da Soc. Arch. Santos Rocha» (Figueira-1907), no n.º 5, pags. 165 e 166.



FIG. 1 — COMPRA COLHERES, PALITOS, ROCAS!... (SEGUNDO UMA AGUARELA DO COMEÇO DO SEculo XIX, PERTENCENTE AO EXM.º SR. DR. JOÃO E. DA ROCHA PARIS)

AS COLHERES BORDADAS

Na Beira Alta (planalto de Castro Daire, etc.), alto distrito de Coimbra e partes montanhosas do distrito de Leiria existem muitas aldeias cujos habitantes se ocupam, no inverno, em trabalhar as toscas colhéres de pau, usadas em todas as cozinhas do centro e norte do país. Hoje, a distribuição destas colhéres faz-se fácil e naturalmente, pelo caminho de ferro. Antigamente, porém, os proprios fabricantes se tornavam, chegado o bom tempo, em vendedores, espalhando-se, ajoujados, pelas terras mais populosas. Testemunham do facto as coleções de gravuras e litografias com tipos populares de Lisboa, publicadas no principio e 1.^a metade do seculo XIX, em que nunca falta, gritando o classico — *Compra colheres, palitos, rocas!* — o *ratinho* vestido de burel, sobraçando o cesto coimbrão pejado dos rusticos trabalhos de madeira (fig. 1).

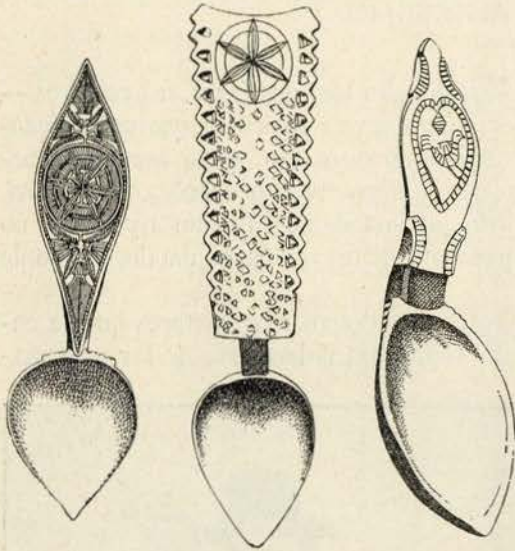


FIG. 3 — COLHERES DE ELVAS, DE MONTEMÓR E DO ALGARVE
(Desenhos de Sravedra Machado);

Sob este ponto de vista, são principalmente dignas de menção as colhéres da Beira-Baixa, Alentejo e Algarve. Em Traz-os-Montes e no Minho, embora de quando em quando se nos deparem exemplares bem enfeitados, eles devem considerar-se apenas como producção isoladas, não alcançando nunca o brilho dos meridionaes.

E' variadíssima a colher do Sul, quer pelas dimensões — ha-as que medem 0^m,60 e mais, de comprimento — ; quer pela fôrma, que vae desde a colher vulgar ao *casso*, por gradações insensíveis; quer pelos ornatos, cavados ou em relevo, frequentemente avivados com cores pintadas ou embutidas nos desenhos.

Como se pode examinar nas figuras 3 a 6, de tudo se encontra na ornamentação: o simples entalhe triangular, de gosto preistórico; as rosetas de seis folhas, abundantissimas, desabrochando como centro de mil combinações de fitas ou córtes; os desenhos naturalisticos, com representações ingenuas de folhagens, flores e aves; a figuração simplista de monumentos, com aquela torre de sinos da figura 6.

E tudo isto é feito á ponta de navalha, duma navalha qualquer, comprada numa feira de ano, ou a um tendeiro ambulante...

Alem desta, para excavar a concha das colheres, o pastor alentejano emprega a *legra*, instrumento

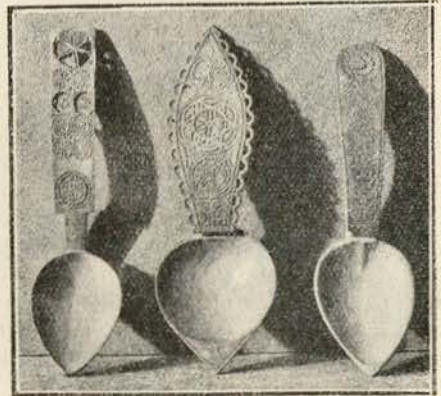


FIG. 4 — COLHERES ALENTEJANAS

AS COLHERES BORDADAS

característico, formado por uma folha de navalha de barba dobrada em gancho numa das extremidades, com cabo apropriado.

Entre nós as colhéres populares, enfeitadas, ainda não foram objeto de um estudo especial, apesar das referencias que lhe fizeram Martins Sarmiento (1), Gabriel Pereira (2) e o conde de Ficalho (3). No estrangeiro, porem, teem sido cuidadosamente tratadas, existindo nos museus milhares de exemplares e em livros de especialidade centenas de reproduções.

Verifica-se nelas, mais uma vez, que os ruraes de toda a Europa, sem distincção de raças, desde os nomades lapões e dos *kustari* russos, aos *vaccari* dos Abruzzos, aos *mandriani* do Veneto e aos *ganadeiros* e *ajudas* do Alentejo, praticam uma arte, que, apesar de certas divergencias regionaes, se reconhece teve um fundo unico e remoto.

Se tomarmos alguma dessas delicadissimas colhéres suécas de Dalarne, Dalsland, Småland ou Härjedalen (4), profusamente lavradas na concha e no cabo, não as distinguiremos, muitas vezes, das nossas. Tal como no Alentejo, umas são simplesmente gravadas, outras vasadas de desenhos, como rendas, outras ainda, possuem, pendentos do cabo, encadeadas, argolinhas feitas do mesmo pedaço de madeira. E, se passarmos das terras soturnas da Islandia,

á Laponia polar e viermos depois, circuitando a Europa, pela Russia e Ukraína (5), Balkans e Austria (6), Italia (7), França e Espanha, em toda a parte encontraremos, entre o homem do campo e o homem do mar, as mesmas colhéres *bordadas*.

A sua construção estrutural corresponde a uma necessidade de que já, remotamente, testemunham as colhéres de barro neolíticas; a sua ornamentação á tendencia inata que leva o homem a enfeitar, a tornar mais agradaveis á vista as cousas que vivem com ele, longamente.

As nossas, diga-se com um pouco de orgulho. . . etnografico, não ficam a dever nada ás de alem fronteiras, quer pela fórma, quer pela ornamentação.

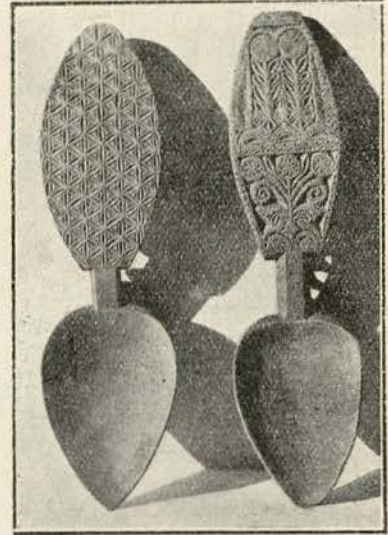


FIG. 5 — DE MONTEMOR-O-NOVO

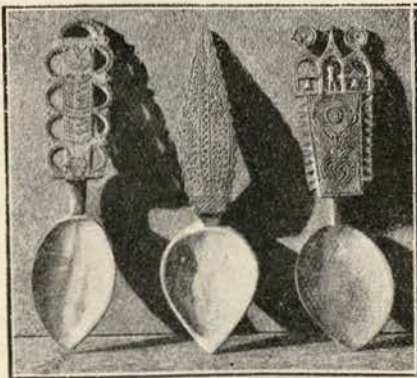


FIG. 6 — DE PAVIA

VERGILIO CORREIA.

(1) *Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881* — *Secção de Archeologia* (Lisboa-1883), pag. 25.

(2) No artigo de apresentação da «Arte Portuguesa» (Lisboa-1895), etc.

(3) *N'A Tradição*. Ano I, pag. 117.

(4) *Peasant Art in Sweden, Lapland & Iceland* (London-1909), fig. 123 e segs.

(5) *Peasant Art in Russia* (London-1912).

(6) *Peasant Art in Italy* (London-1913); e, ainda, *Il Museo Etnografico Siciliano*, in «La Lettura» (Milano-1916), n.º 8; *Vinicoli d'Arte* in «Seculo xx» (Milano-1915), n.º 10, etc.

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA



QUEM durante o século XVIII, e mesmo no apontar do XIX, percorresse algumas das ruas e praças da baixa Lisboa, veria num que noutro esconso de velho casarão medievo ou seiscentista, que a mão dum progresso muitas vezes mal entendido esboroou, um homem de capote de saragoça sem fôrro, calções sebentos e remendosos a cair sôbre a meia esgarçada, sorvido de faces, barba descuidada e raras farripas grisalhas espreitando sob o chapéu em bico de candeia. Servia-lhe de escabelo uma rima de cartapácios, velhos infólios carunchosos, maços de papeis amarrados, breviários; e parede, arriba, bifurcando-se em cordeis paralelos, folheto de todo o feito e assunto: autos e entremeses, relações de naufrágios, batalhas e monstros aparecidos, milagres, vidas de santos, novelas de cavalaria, livros de astrologia, de S. Cipriano, de feitiçarias, testamentos, palestras de visinhas, casos prodigiosos e castigos do ceu, relações de festas e toiradas. . . Este homem é o *papelista*, e essa vasta literatura, aquela que nós hoje alcunhamos de *cordel*, attento que, como dizia o Tolentino,

. . . no Arsenal, ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'hum barbante (1).

Certos deles, esperando quem não prometeu vir, olham distrahidos, por sôbre os óculos embaciados, os moxilas que passam ajoujados ao peso das cadeirinhas, as seges bambolantes e pachorrentas, solavancando ao sabor do pavimento anárquico das calçadas, entre o praguedo violento dos cocheiros e o garganteio variado dos pregões que estremecem o ar. Olham com indiferença todo aquele barulho, toda a confusão pitoresca da rua alfacinha dèsses dias, coisas que fariam o encanto dum artista de hoje, mas que então obrigavam o pobre Garção a lamentar-se (2):

Temo de sahir fóra: Desta banda
Me empurra o aguadeiro, e de estoutra
Me atropella a Saloia co'seu macho;
Hum vem á redea solta no rabão,
Outro corre no coche á desfilada;

Para esta parte fujo, eis que de sima
Sobre mim vem a çuja caldeirada;
Os confusos, os vagos pregoeiros,
Os ouvidos me atrôão com seus gritos;
Hu «quem as flores merca» Outro os polvilhos; . . .

Alguns papelistas mais diligentes, chamam o transeunte, atraem-no com a miuda relação da sua mercadoria, recontam-lhe as novidades ultimamente aparecidas (3). Aos franchi-

(1) *Obras Poet.*, I, 124 (1.^a ed. de 1801).

(2) *Obras Poet.*, pag. 156 (Lisboa, 1778).

(3) Um nome, pelo menos, chegou até nós — o do papelista cêgo Salvador, que nas escadas de acêso ao Hospital Real de Todos os Santos assentava em 1733 o seu taboleiro de livros. (*Pennas que cahirão de huma das azas do celebrado Fenix das tempestades. . . Por Cosme Fragoço de Matos Lisboa, 1733.*)

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA

notes e peraltas ociosos, que baboseiram á tarde no Rocio e em Santa Caterina (1), e durante o dia vadiam á cata de novena e lausperene concorridos de sécias, ou pulem os ângulos boleados do casarío — «estafermos de esquina» lhes chama o José Daniel — a êsses oferecem a *Nova relação verdadeira da festividade de toiros* do próximo domingo, e o *Auto da Malícia das Mulheres*; ás franças e sécias, que vão, como quem se arreceia de pisar ovos, saltando delicadamente de pedra em pedra, sob a escolta das velhas tias ou das mamans sagazes, dextramente lhe escorrem á orelha, quando passam rentes e acertam de lançar aos papelórios um olhar fugidío, os titulos mais suggestivos — os *O'pios* do José Daniel, a *Malícia dos Homens contra a bondade das Mulheres*, ou as de reconhecida utilidade *Regras de bem partejar*. Uns e outras, casquilhos e tafulas, sustinham o passeio, atraídos pelo sabor do titulo ou pela graça e novidade da estampa que ilustra o folheto encarecido; e as moedas de cobre, que uma legenda latina sagrava á pública utilidade, e onde uma coroa régia encimava o monograma do nosso rei magnífico, chovem, num tilintar alegre, na algibeira se-benta do papelista (2).



FIG. 1 — CEGO VENDENDO FOLHINHAS

Mas nem só estes espalham os seus produtos pelas baixas camadas lisboesas. Os cegos, guiados por um cão ou pelo seu moço (fig. 1), são-lhes formidaveis concorrentes. Muitos não se governam doutra coisa senão das folhas volantes, que em Lisboa «os cegos apregoão

(1) E vós, casquilhos rafados,
Ranxo perverso, e vadío,
Que sem mais alguns cuidados,

Na Ribeira, e no Rocio
Andais sempre embasbacados...

Relação coriosa do brio, e secia das Regateiras... por Tubarão Baleya — Lisboa, 1786.

(2) Os janotas de então, no geral ignorantes da culta literatura, abeberavam-se nas letras cor-deleiras, e por isso eram chasqueados pelos escritores clássicos do tempo. Cruz e Silva, querendo ridicularisar um tal Bastos, alcunha-o, no *Hyssope*, de «homem versado na lição de Florinda e Carlos Magno»; e mais adiante informa que um certo Luz, notário da Sé de Elvas, possuia

Uma profunda erudição, bebida
Nos *Autos de Reinaldo*, e *Valdevinos*,
E do Infante *Dom Pedro* nas partidas.

Florisel de Niquêa, e outros livros
Da andante, da immortal Cavallaria;...

(Ed. de Paris, 1817, pag. 67.)

E na *Inciçam Joco* — *Seria Anatomica, Critica, feita no Corpo Lisbonense Peraltico pelo Licen-*

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA

pelas ruas». Forneciam-se directamente dos autores do folheto, e vendiam-no depois a dez reis e a vintem segundo o assunto e o tamanho, mercadejando por conta própria, ou pela do autor, que os premiava com a terça da taxa de cada um.



FIG. 2 — DA «RELAÇÃO NOVA DO FOGO DO CASTELLO»

Cegos que disto viveis
já que os não podeis ver,
fartayvos só em vender,
a candonga dos papeis;
vendey-os todos a dez reis,
senão podéreis por mais,
que muitos dez reis iguaes,
fazem quantias de ouros,
deixay lá correr os touros,
vós nos papeis contratay,

aconselha um autor cordelista, dirigindo-se aos seus comissionados (1).

Muitos escritores de tal ou qual cotação não se dedignavam escrever para os cegos, atraídos pela boa fonte de receita que o caso representava. Thomaz Pinto Brandão principia assim a *Relação Nova do Fogo do Castello* (Lisboa, 1729) que por sinal vem ornada duma tósca gravura representando o fogo que se queimou no Castelo de S. Jorge pela entrada em Lisboa da infante hespanhola D. Mariana Victória (fig. 2):

Ora, senhores Cegos, lá vay esta,
que he tocante, ou cantante á mesma festa;
nella vay o tal fogo,
que prometti na outra para logo;
cantem tanto com ella,
que até me chegou á bocca o eco della;

porque o Impressor, e eu tambem cantemos;
pois da impressão, e o canto, he que comemos.
Não haja mais Poetas
do que os das Relações, e das Gazetas;
disto se come? ah Christo!
quem tivera mais cedo dado nisto!

O que era o trato dos «papeis» em Lisboa, di-lo o desespêro do bom do José Daniel, que de resto tanto concorreu para lhe avolumar o número:

De papeis vejo tal epidemia
por toda esta cidade de Lisboa,

que figura não ha, nem má, nem boa,
que com papeis não lide noite e dia (2).

ciado *Damação Montoja Queimação* (Thomaz José de Aquino), Lisboa, 1771, pergunta Cláudio, um dos figurantes, ao peralta Júlio:

— Vem cá homem que tens lido?
— Oh lá, nisso não falemos:
li os contos de Trancozo,
as diabruras de Roberto,
as constancias de Florinda,

de Magalona os extremos,
O entremez do Peralta,
e na Hora de Recreyo,
a Vida de Carlos Magno,
e a morte de Veltenebros...

(1) *Nova Relaçam intitulado, Modos com que os Caixeiros furtam aos seus Amos...* Lisboa, sem data (meiados do séc. XVIII).

(2) *Rimas*, I, 24 (Lisboa, 1795).

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA

Não só os papéis ou folhetos que se compunham na ocasião, sob qualquer pretexto, como os que remontavam mais longe, — autos de Gil Vicente, Afonso Alvares e Baltazar Dias, por exemplo, algumas novelas de cavalaria, e o livro das *Sete Partidas* — eram copiosamente divulgados. Caindo no gosto das baixas camadas, pelo seu sincero sentir, e ingenuidade de ideação e realisação, muitas peças cordelistas contavam dezenas de edições — além das já citadas a *Historia do Imperador Carlos Magno*, *A Princeza Mangalona*, a *Imperatriz Porcina*, a *Donzella Theodora*, etc. (1).

A literatura de cordel foi assim um vasto campo de exploração literária e comercial, que durante mais de tres séculos encheu as fantasias e as bôlças das baixas camadas da sociedade portuguesa.

E' particularmente das ingénuas gravurinhas que enformosam essas grosseiras páginas, destinadas á gente do povo, que por agora desejo ocupar a atenção de quem ler. E difficil não será que nós, dispondo aliás duma certa cultura artística, habituados a admirar as maravilhas da gravura erudita nos prodígios inatingiveis de Rembrandt, nos classicismos dos Bartolozzi, nas vivas, aristocráticas figuras dos mestres inglêses do «setecentos» e nas modernas e audaciosas aguas-fortes de Rops — demoremos um instante o olhar sobre essas despretenciosas figurinhas que enterneceram a alma infantil dos antepassados. . .

Nem só entre nós este ramo da arte popular obteve a graça do público. Nos países mais adiantados floresceu, e outras gravuras não queriam para illustração de suas edições as casas especialistas, que ainda hoje em toda a parte existem, atestando a supervivência de tal favor acima dos requintes da educação e do progresso artísticos (2).

O que desde logo torna sobremodo interessante aos olhos do povo o folheto de cordel, é a estampa que o exorna. E desde quando o artista popular se associou ao escritor para a interpretação plástica da obra literária? Não poderei ao certo dizê-lo; mas creio que desde

(1) Porque se não hão de resuscitar hoje, numa grande edição popular, devidamente organizada e comentada, as páginas mais características da literatura de cordel? Não só ressurgir-las como filão a explorar no estudo da baixa linguagem, usos e costumes antigos, mas até como motivo de arte. «A litteratura de cordel, escreve Theophilo Braga, bem merecia ser renovada pela intelligente intervenção da boa critica, restabelecendo os textos das colleções mais antigas de folhas volantes, e redigindo novos themas estheticos para a educação da alma popular.»

(2) Lembra-me em Portugal, entre outras casas do género, a Livraria Portuguesa Editora de Joaquim Maria da Costa, no Porto.



FIG. 3 — DO «BONITOS VERSOS DE FLORES, COM BONITAS PALAVRAS DE NAMOROS»

GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

a Renascença. Repito — a xilogravura popular; pois quanto á culta, ella é muito mais antiga. Essa acompanha a tipografia desde o seu início, e dela se torna quase indelgavel (1). Mais ainda: a gravura em madeira precedeu a imprensa; é geralmente sabido que desde o primeiro quartel do décimo quinto século se conhecem gravuras estampadas — cartas de jogar, figurinhas avulsas, etc. Rápidamente impressas, podendo tirar-se em poucas horas muitas centenas de exemplares da mesma gravura, bastaria isto para baixar o preço da mercadoria. Interveio então a *sacra janes* do ganho, e logo tais estampados se cubriram de côres brilhantes, e como manupictos os negociavam por melhor conta (2). Ainda hoje se vendem registos ou estampas religiosas coloridas á mão, para mais despertar a atenção do devoto. Veja-se na fig. 3 uma gravura popular moderna, onde as fôlhas e flores estão no original respectivamente coloridas a verde e vermelho, gravura a que mais adiante voltarei a referir-me.



FIG. 4 — DO «AUTO DA PAIXÃO»

Mas que foi a própria tipografia, no seu berço, senão uma xilografia? Melhor: a tipografia nasceu da gravura em madeira, e para lhe servir de comentário, se atendermos a que antes de ser empregada em grande por Guttemberg de Mogúncia ou Coster de Harlem, já se usava de ha muito gravar nas chapas de buxo, sob as imagens representadas, umas linhas de texto explicativo. Outras vezes, por meio de chapas de madeira, tendo gravadas as letras em relevo, imprimiam-se fôlhas isoladas que depois se ajuntavam e cosiam. Haja vista aos célebres *donatos* que infelizmente não tem entre nós representantes conhecidos, mas de que existem preciosísimos espécimes em bibliotecas europeias (3). Mais tarde inverteram-se os papeis, e foi a gravura quem completou o texto dos livros, quando os Dürer e os Holbein a tomaram á sua conta abrindo chapas a que o seu buril poz o sêlo do génio, e que ficarão como impereciveis monumentos da arte de gravar.

O público de então era, como o de hoje, uma criança grande. A imagem atraía-o, interessava-o, já lisongeando-lhe a rotina, já complementando-lhe o que lia. Entrou no espirito de todos a conveniência da illustração; mas como a dada altura a produção não fôsse bastante ao consumo, e o compositor nem sempre tivesse á mão chapas adequadas, ou ainda por

(1) Daqui veio chamar-se a um livro com estampas *livro estampado*, e bem assim a expressão *dar á estampa*.

Em quarto grande, e *estampado*,
Sahio novamente á luz
Carlos Magno commentado,

escreveu Tolentino (*Obras* — Lisboa 1801, I, 177.)

(2) O mesmo succedia com as páginas impressas, onde o espaço destinado ás letras capitulares se deixava em branco, para depois ser colorido á mão.

(3) Abreviatura por que era geralmente conhecida a *Gramática* de Elio Donato, para uso dos estudantes.

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA

sua incúria dêle, adoptou-se a saída de empregar as mesmas gravuras em diferentes obras, como mais modernamente se praticou e pratica com as estampas religiosas, onde a mesma Virgem e o mesmo Cristo servem para diversas invocações (1).



FIG. 5—DA «HISTORIA DA PRINCEZA MAGALONA»

Dos fins do século xvi em diante é corrente esse facto. Muitas chapas dos séculos xv, xvi e xvii, esquecidas nos caixotins (2), iam ilustrar subsequentemente livros com cujo assunto muitas vezes não quadravam. Exemplifiquemos. A popularisadíssima *Historia da Donzella Theodora* (Lisboa, 1741), traz no seu frontespicio uma gravura, ou antes, tres gravuras independentes juntas de modo a formar uma só; representam um rei, uma rainha, e um fidalgo vestido á época de D. João IV. Pois duas dessas figurinhas foram empregadas no *Sucesso prodijioso que na Provincia de Ultonia aconteceu a Madama Christina Axé*, etc. (Lx.^a, s. data). A estampa empregada na *Obra nova* de Thomaz Pinto Brandam vem repetida na *Noticia verdadeira da guerra da America entre os Francezes e Inglezes*, etc. (s. lugar n. data); e na *Relação do grande combate, e fatal peleija que... tiveram os Soldados, e Cavalleiros da Praça de Mazagaõ, com os Mouros de Azamor, e Maquinez* (Lisboa, 1752), bem como numa edição lisbonense da *Historia... de Roberto, Duque de Normandia* (o popular *Roberto do Diabo*) encontrei a mesma gravura que serviu á *Tragedia do Marquez de Mantua* de Baltazar Dias, publicada em Evora em 1750 (fig. 6). Ainda na *Noticia do grande estrago cauçado por huma grande tormenta que houve na Villa de Vianna*, etc., (Lx.^a 1758), vem uma gravura que evidentemente representa Lisboa em chamas pelo terremoto acontecido tres anos antes, e que certamente teria servido a uma relação dessa catástrofe.

No século xviii, por ventura influenciada pela xilogravura franceza e italiana, que atingiram alta perfeição, teve entre nós por assim dizer um renascimento, que se reflectiu designadamente no buril dos abridores populares, recuperando-se dest'arte um pouco do marasmo do século anterior, em que a lançou o rude golpe vibrado pelo favor universal da gravura em cobre, invenção quinhentista.

Assim como a literatura erudita não agrada ao povo, que a não comprehende, assim êle desamava a gravura dos Wolgemuth e dos Schongauer no sé-



FIG. 6—DA «TRAGEDIA DO MARQUEZ DE MANTUA»

(1) Já Nisard aponta êste caso na literatura de cordel franceza (*Hist. des livres populaires, ou de la littér. de colportage* (Paris, 1854).

(2) A gravura da *Historia da Princeza Magalona* (Lisboa, 1625) que pertencia á officina tipográfica de António Alvares, aparece mais dum século depois (1737) em poder de Manoel Fernandes da Costa, impressor do Santo Officio, a ilustrar outra edição da mesma novela (fig. 5). Serviu tambem á *Historia da Emperatriz Porcina* (Lx.^a 1718) na mesma impressão de F. da Costa.

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA

culo xvi, dos Goltzius e Rembrandt no xvii, dos mestres franceses e ingleses no xviii, preferindo-lhes a obra de artistas ignorados, de concepção e realização ingénua e rude, que se casava ao seu sentimento e estreita compreensão de arte. Isto o que sucedeu em toda a Europa culta, não só em Portugal. Criaram-se tipos, por assim dizer consagrados, que o público pedia, e reconhecia mesmo antes de ler o título do folheto. Já assim era no século xv; a *Ars moriendi* (Arte de morrer), diálogo entre um anjo e um demónio junto ao leito dum moribundo, conservou sempre, nas multiplicadas tiragens que teve, o tipo das primitivas ilustrações, mesmo nas edições de outros paizes, *verbi gratia* nas francesas. Mais ainda: as estampas deste reputado livro forneceram assunto a muitos outros de género idêntico que de futuro se publicaram. Chega a dar-se um interessante fenómeno: quando se apropria duma gravura culta, o artista plebeu não na reproduz tal qual, antes a amolda ao gosto do seu público, alterando-a, simplificando-a, introduzindo-lhe aqui êste, acolá aqueloutro detalhe (1), pôsto que muitas vezes, como no retrato do biografado na *Historia, vida e desventuras do Poeta Bocage*, por Agostinho Velloso da Silva (fig. 7) sejam as modificações de pouca monta, por facilmente compreensíveis do povo os símbolos apresentados (2).



FIG. 7 — DA «HISTORIA DO POETA BOCAGE»

O facto que segue bastará a provar a necessidade da notação plástica que ajude os cérebros, pela visão do objecto, ao intendmento do assunto falado ou escrito. Os cegos das feiras e romarias, e os cantores nómadas que de aldeia em aldeia apregoam em quadras glosadas por décimas o crime horroroso dum filho que degolou os pais, e a subsequente punição terrena ou divina, sentindo a necessidade de coajudar o canto para congregar em tórno a si o povinho, não dispensam grandes quadros pintados a óleo, num colorido assanhado, sobre lona ou pano cru, representativos, na figuração grosseiramente realisada, do assunto guitarreado e garganteado de suas canções.

Em geral a ilustração, única ou principal, consta do rosto do volume. Em casos abundantes, porém, orna-lhe também o interior (*Lundário Perpétuo, Auto da Paixão*) (fig. 4). O assunto é geralmente buscado, já no título do folheto, já em qualquer episódio



FIG. 8 — DA «RELAÇÃO DA RATAZANA QUE ROEU O TOPETE Á PERALTA»

(1) Já notei este facto no caso em que o povo se aproveita duma quadra erudita, a qual transforma, afeiçoando-a á sua linguagem e expressão poética, o que prova que este fenómeno de adaptação se não verifica só nas artes plásticas.

(2) E' cópia duma antiga grav. de D. J. Silva.

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA

ou passagem do texto. Caso mais raro é o da *Relação coriõsa, Caçada de Caens, e Gatos, que se deo á Ratazana que roeu o topete á Peralta, etc.*, (Lisboa, 1785), onde fui topar, no próprio texto, a descrição da movimentada gravura que ilustra o frontespício (fig. 10). De pois de descrever miudamente a uma sua visinha a tal caçada à ratazana, diz a peralta:

Em fim visinha esta grande historia,
A quiz meu Pai deixar sempre em me-

[moria,

E para o tempo nunca a consumir,
Huma estampa de tudo fez abrir,
Nella está fielmente redusido
Amiga, todo o caso sucedido.
Alli se vem os gatos asanhados,
Os arrogantes cães encarnisados,
Hum escravo alli 'stá de cada lado
Na pilhança do rato desvellado
Mas o cão mais valente a tem na boca,
Que para a comer a furia o provoca,
E deste caso fez a bella estampa,
Hum abridor, que por mui sabio campá;
E tanto gosto nella meu Pai cobra,

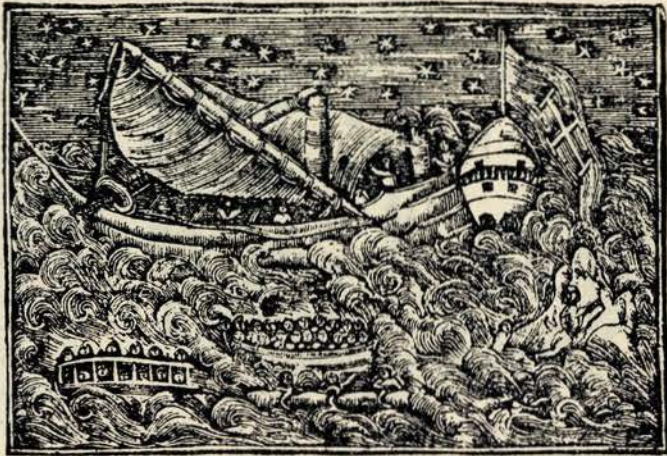


FIG. 9 — DA «RELAÇÃO DO NAUFRAGIO DA NÁO SANTIAGO»

Que ao Artifice deu por esta obra,
Além de muitos agradecimentos,
Em dinheiro dois mil e quatro centos (1).

A história dos naufrágios e outras desaventuras marítimas inspirou também largamente a mão dos xilógrafos plebeus. As relações de que se compõe a comovente *Historia tragico-maritima*, trazem no geral sob o título uma tósca gravura apropriada, no género da que reproduzo na fig. 9, onde, á mercê dum mar encapelado, um galeão em cujo castelo de prôa flutua a cruz de Cristo, voga desmastreado. A um lado o baixo da Judia, na costa oriental africana, onde o navio abalroou; dois náufragos tentam segurar-se aos cachopos, embatidos das vagas. Mais

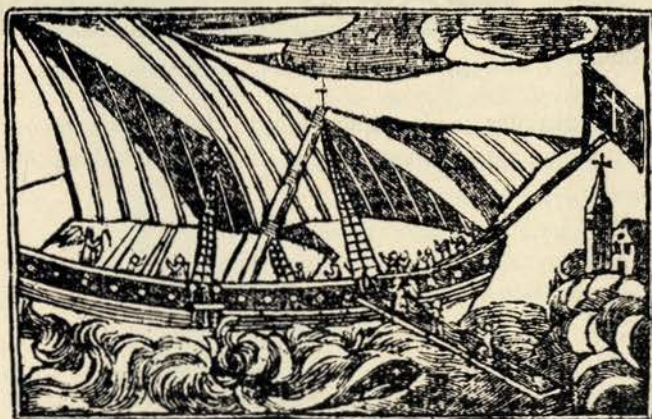


FIG. 10 — DO «AUTO DA BARCA DO PURGATORIO»

tres episódios completam o agitado quadrinho — um batel apinhado de gente, uma jangada e um pedaço de mastro que tres desgraçados abraçam convulsamente. No ceu — um fundo de linhas apertadas para dar o efeito da escuridão — bri-

(1) Folheto obsequiosamente comunicado, bem como os das figs. 14, 15 e 26, pelo meu amigo o distinto olisipógrafo sr. G. Matos Sequeira, a quem consigno aqui os meus melhores agradecimentos.

GRAVURA POPULAR PORTUGUEZA

lham numerosas estrelas. Esta a gravura da *Relação donaufragio da Nao Santiago no anno de 1585* (*Hist. tragico-mar.* Tomo II, pag. 61).



FIG. 11 — DO «AUTO DA BARCA DA MORTE»

ços ao ceu. São, explica o texto, os «garjados» e «tenhosas» que, antes do encontrão da nau no nuvens cerradas, fazendo enorme algazarra.

Todas as estampas da *Hist. tr. mar.* são de diverso desenho; muitos deles, porem, aparecem servindo a outros folhetos em que por acaso intervem um navio naufragado. Ainda dentro do assunto *navio*, curioso se torna reproduzir um dos que serviram nas edições populares das *Barcas* de Gil Vicente (fig. 10). E' o da *Barca do Purgatorio*, (Lx.^a 1723, que serve tambem á da *Gloria* na edição que possuo sem indicação de lugar nem data, mas que deve reportar-se á segunda metade do século xvii). E' tambem digna de atenção a vinheta facial (fig. 11) do *Auto Novo da Barca da Morte*, de Diogo da Costa (Lx.^a, 1732).

Theophilo Braga reproduziu (1) a gravura titular duma edição da *Historia jocosa dos tres corcovados de Setubal* (2). Não se me afigura menos digna de interesse a duma outra edição de Lisboa, 1785 (fig. 12).

(Continúa.)



FIG. 12 — DA «HISTORIA DOS TRES CORCOVADOS DE SETUBAL»

M. CARDOSO MARTHA.

(1) *Portugalia*, art. cit.

(2) Narrativa comum á literatura de cordel francesa, sob o titulo *Histoire des trois bossus de Besançon* a qual já por sua vez é uma imitação popular dos *Trois bossus* de Durand, poeta francês do século xiii. O assunto da novella portuguesa é o mesmo, apenas com a mudança de lugares; o Sena corresponde nella ao Tejo, etc.

NOTAS

GRIMPAS DE MONTEMÓR-O-VELHO

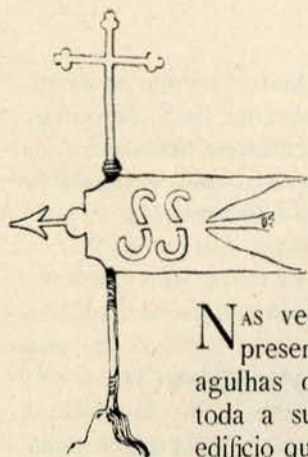


Fig. 1

NAS velhas iluminuras de «Livros de Horas» e «Cronicões» se acaso se representam castelos ou palacios, estes aparecem sempre com o cimo das agulhas dos torreões cobertos de bandeiras enormes, perfiladas no ceu em toda a sua grandeza, ocupando maior espaço, muitas vezes, que o proprio edificio que dominam.

A bandeira e o seu uso significavam, então, nobreza, e, como toda a organização social coeva assentava sobre as aristocracias do sangue e da religião, os mestres iluminadores não se esqueciam nunca de desfaldar bem alto os balsões dos senhores e das ordens religiosas de que dependiam.

Com o andar dos tempos, como as bandeiras de panos varios, no drapejar continuo se deterioravam celeremente, para que o antigo sinal ficasse, remata-

ram-se os pinaculos com bandeiro'as de ferro, reduções rigidas das primeiras, onde permaneciam em aberto, para que de longe se vissem, os braços dos possuidores. Satisfazia-se assim o orgulho senhorial e tornavam-se as grimpas de simples ornamentos em indicadores da direcção do vento, pois as bandeiras tinham necessariamente de ficar mo-

veis em torno de um eixo, para poderem resistir aos impulsos eolicos.

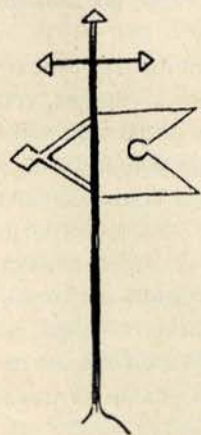


Fig. 3

Na idade media, principalmente no periodo do estilo flamejante, cobriram-se os solares e as casas religiosas com este genero de cataventos, cujo uso se continuou e popularisou no renascimento e ao deante, adornando-se os telhados de todas as habitações dos seculos XVII e XVIII, fossem de nobres ou burguezes, letrados ou plebeus enriquecidos, com as graciosas bandeiro'as metalicas.

E' rara a terra portuguesa que não conserve ainda um sem numero destas pitorescas grimpas, sobre os coruchos dos telhados ou alçadas nas cupulas de torres, claraboias e chaminés. Rocha Peixoto, o saudoso etnografo, referiu-se-lhes desenvoldivamente no seu magistral artigo sobre *Os cataventos (Portugalia, t. II, pag. 439-448)*.

Terra antiga, com tradições mediavaes importantes, que o seu castelo semi-arruinado, as muralhas e a sua igreja da Alcaçova, documentam preciosamente, Montemór-o-Velho conserva ainda grande parte dos seus velhos cataventos.

Numa visita feita á Vila em 1912, em companhia do delicadissimo decoradôr que o

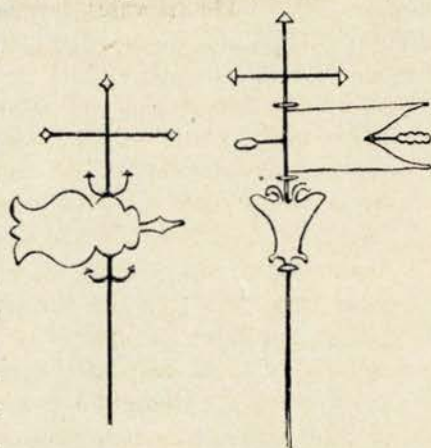


Fig. 2

NOTAS

Brazil nos absorveu, Correia Dias, e do poeta da região, Afonso Duarte, recolhi os exemplares que agora publico. O da fig. 1, ergue-se sobre a capelinha branca de S. Sebastião, perto do Mondego, que anualmente a bloqueia; os da fig. 2, sobre casas particulares; o da fig. 3 pertence á velha fonte visinha do convento dos Anjos, sobre cuja *spire* poligonal se perfila, logo á entrada do povo, para quem chega pela estrada de Coimbra.

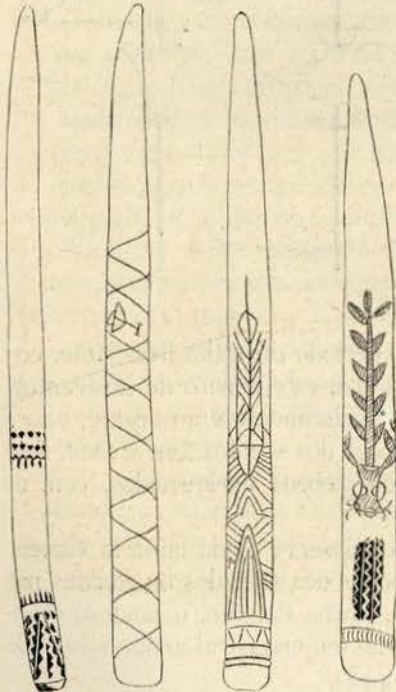
(Desenhos de Correia Dias.)

V. C.

«ARRÔCHOS» DE LARINHO E FELGAR (MONCORVO)

Larinho e Felgar são duas boas aldeias do concelho de Moncorvo, cuja visita a nova, inacabada, linha ferroviaria do Pocinho a Miranda já tornou facil e, relativamente, rapida.

E' interessante, embora um tanto enigmatica, a paisagem desta região de terras esbranquiçadas, onde os vales, largamente desdobrados, entestam com cabeços escuros e pedregosos, salpicados de arvoredos miudos. Região de centeios e trigos onde raro se alteia uma bandeira verde ou amarelecida de milho, aqui, peor que no Alentejo — onde os *montes* alegram de manchas brancas a solidão das charnecas e dos montados —, raramente o largo espaço que medeia de povo para povo, é habitado. A população concentra-se quasi exclusivamente nas aldeias.



Ora nestas duas terras de Larinhô e Felgar encontra-se localizado um costume etnografico digno de referencia. Por ocasião das ceifas, não são os homens que atam, em fochas, os molhos de palha, como sucede em toda a parte; é a mulher a encarregada desse serviço. Mas como, por menos forte, ela não pôde, á simples força de braço, apertá-los convenientemente, serve-se do *arrôcho* para esse fim.

Atando duas ou tres hastes de centeio, trigo ou cevada — conforme o cereal ceifado — pelas espigas, com um *nó de tecedeira*, passa a cinta assim preparada sob o mólho, reúne as extremidades que ficaram com nova laçada, e, comprimindo, torcendo essa laçada com a varinha levemente recurva do *arrôcho*, consegue o desejado aperto.

Como este utensilio é, portanto, de uso exclusivamente feminino — um homem teria vergonha de empregá-lo, menosprezando a força do seu braço —, aparece adornado de rusticos entalhes que os pegureiros e os namorados nas horas vagas se entreteem a gravar, á navalha, sobre troncos afeiçoados de freixo ou buxo.

Os exemplares reproduzidos na figura junta, a um terço do seu tamanho, dão bem a impressão da rudeza decorativa dos *arrôchos* que, algumas vezes, aparecem tambem pintados de verde, vermelho e azul. O seu comprimento regula entre 0,25 e 0,30.

V. C.

UM TUMULO «RENASCENÇA»

Entre as cidades e villas de Portugal que ainda hoje mantêm um aspecto accentuadamente archaico, poderosamente evocador de outros tempos, distingue-se a villa de Obidos, na provincia da Extremadura.

Dentro das suas muralhas quasi intactas, dentadas de ameias, difficilmente se topará construcção que não conte alguns seculos. Desde o seu castello mourisco, reconstruido no tempo da primeira e da segunda dynastia, até aos espelhos das fechaduras de grande numero de portas, — tudo, na vetusta Obidos, nos falla do *bon vieux temps* com uma tão persuasiva e suggestionante eloquencia, que, á medida que vamos deambulando ao acaso por entre o velho casario que a forte muralha defende e cinge, sentimos que o presente se dilue, se esbate, se apaga, enquanto o passado mais e mais se define e accentua, de modo que, a pouco trecho, temos a impressão de viver, se não em plena Idade-Media, ao menos, em pleno seculo XVI.

Na sua colorida linguagem, de tão intenso poder de objectivação, dizia de Obidos o grande prosador da *Hollanda*: — «E' um velho burgo portuguez de ha trezentos annos».

Foi sob a dominadora suggestão dêsse maravilhoso scenario que, ha annos, entrei na igreja de S. Pedro e admirei o bello monumento funebre de D. Fernando de Noronha e sua mulher, primoroso especimen da arte da Renascença, que alli deixou, sem duvida, algum dos artistas daquella brilhante pleiade de imaginarios franceses, cujo labor, iniciado em Coimbra no tempo de D. Manuel, attinge as primeiras decadas do seculo XVII e se estende a varios pontos do país.

Não medi, não desenhei, não apontei. Apenas fixei a evidente affinidade entre essa



IGREJA DE S. PEDRO EM OBIDOS — TUMULO DE D. FERNANDO DE NORONHA
E SUA MULHER

(Gifté do sr. Comendador Jorge A. d: Almeida Lima)

NOTAS

notabilissima obra e os mausoleus, retabulos e portaes da Renascença conimbricense, delicadamente trabalhados no alvo e brando calcareo de Ançã pelo famoso João de Ruão, que encheu de maravilhas o convento de Santa Cruz e cuja actividade parece ter sido completamente absorvida pela culta cidade do Mondego, e outros artistas, em grande parte normandos, como elle, que as encomendas do rei e dos nóbres levavam por vezes a pontos bem distantes d'alli, como Nicolau Chatranez (1), habilissimo decorador, que, sobre o altarmór da igreja de S. Marcos, no aro de Coimbra, erguia um delicioso retabulo, com baixos relevos e figuras de pleno vulto (2), ao mesmo tempo que enriquecia a igreja do pequeno convento dos Jeronymos, alcandorado num dos pincaros da serra de Sintra, com uma composição similhante, lavrada em alabastro.

Nota o erudito archeologo portuense Joaquim de Vasconcellos que a arte do Renascimento penetrou em Portugal pela architectura funeraria.

Assim é, de facto.

Sem falarmos no tumulo edicular de Manuel de Mello na igreja dos Loios em Evora (1493), tentativa de artista que não conhecia bem o estylo, — que distancia o separa dessa irreprehensivel, purissima obra-prima, que é a capella dos Reis Magos na alludida igreja de S. Marcos, o admiravel pantheon dos Silvas! — podem citar-se varios tumulos, datados, do terceiro e do quarto decennio do seculo XVI, que constituem já exemplares correctos da arte da Renascença, — cuja implantação em Portugal, se não data da permanencia de André Contucci entre nós, durante o tragico reinado do *Principe Perfeito*, é, no emtanto, como se vê, anterior á viagem de Francisco de Hollanda á Italia, iniciada em 1537 ou 1538.

J. P.



EXPOSIÇÃO DE TAPETES DE ARRAYOLLOS

Tudo se prepara para que seja coroada de bom exito a *Exposição de Tapetes de Arrayollos* que no proximo mez de Dezembro se vae realisar em Lisboa, no Edificio Historico do Carmo, por iniciativa da *Terra Portuguesa* e de acordo com a *Associação dos Archeologos Portugueses*.

A Comissão Organizadora, conta já com algumas dezenas de exemplares e com o apoio de numerosos colleccionadores de Arte.

De Arrayollos, onde a Exposição está despertando grande enthusiasmo, tem a Comissão recebido valiosas adhesões e a noticia de que um jornal local, *O Povo de Arrayollos*, publicará um numero especial, para commemorar a sua inauguração.

Por todas as razões, julgamos poder afirmar que o nosso certamen vae constituir um verdadeiro acontecimento artistico.

(1) Isto é, *Chartranês* ou *Chartranense*. — natural de Chartres.

(2) Attribuido pelo conde de Raczynski a André Contucci (*o Sansovino*), este retabulo, — provou-o o sr. J. de Vasconcellos. — é obra de mestre Nicolau Chatranez.

CRONICA

LIVROS

«*Historia e Genealogia — IV volume*» por Affonso de Dornellas: — Affonso de Dornellas, nosso presado colaborador, é um trabalhador infatigavel e um erudito consciencioso, a quem, primacialmente, os documentos historicos interessam e absorvem. Todas as suas obras, dispersas no *Tombo Historico Genealogico*, que proficientemente dirige, com Gusmão Navarro, ou reunidos em tomos na *Historia e Genealogia*, cujo 4.º volume aparece agora, são, por isso, repositórios preciosos de diplomas, de inscrições e de monumentos.

O presente volume ocupa-se, como parte dos anteriores, dos nossos feitos de Marrocos, repartindo-se em tres capitulos, que se intitulam, respectivamente; — «Nossa Senhora d'Africa»; «Governadores capitães generaes de Ceuta»; e «Bispos de Ceuta».

O segundo capitulo de obra, em que o autor estuda detidamente a familia dos Menezes, primeiros governadores da nossa celebre praça africana, é, sem duvida, o mais interessante.

Dentre as magnificas illustrações que acompanham o livro, notabiliza-se a tampa do sarcophago de D. Pedro de Menezes hoje existente com o respectivo, monumental, tumulo, na igreja da Graça de Santarem. E' um documento valiosissimo, até agora inedito, que a dedicação e o saber de Affonso de Dornellas divulgaram.

«*O segundo ciclo de incorporações*» (Coimbra-1916) por Julio Dantas: — O illustre inspector das Bibliothecas Eruditas e Archivos, o escritor consagrado que todos admiramos, está realizando, no cargo em que, providencialmente, foi investido e em cujo desempenho emprega a melhor parte do seu tempo e da sua energia, uma obra patriotica e de largo alcance para os nossos estudos historicos. Os resultados dessa obra vão-se sentindo na recolha metodica e segura, em todo Portugal realizada, das livrarias e cartorios de congregações religiosas; cartorios e livrarias de mitras, cabidos e seminarios; livrarias e papeis dos paços reaes; cartorios parochiaes do país, anteriores aos ultimos cem annos, etc., colecções estas que, em grande parte, estavam sujeitas a desvios e deteriorações deploraveis, dado o proverbial estado ruinoso dos nossos archivos particulares e regionaes.

Dentre as especies recolhidas, cumpre especializar os «pergaminhos de Villar de Frades»; o «cartorio do cabido de Lamego», que compreende documentos do seculo XIII; a «livraria das Necessidades»; e os «cartorios parochiaes», para os quaes foi creado um archivo especial, em S. Vicente.

Todos estes trabalhos se relatam na separata dos «Anais das B.^s e A.^s», que temos presente e que vem acompanhada de magnificas reproduções de alguns dos documentos incorporados.

«*Excursões ao Termo de Lisboa*» (Lisboa-1916): — Tem este titulo geral o relatorio apresentado pela comissão nomeada em 12 de maio de 1914 pela *Associação dos Arqueologos* para visitar os edificios historicos do aro de Lisboa e averiguar do seu estado, iniciando uma especie de inventario parcelar das nossas riquezas artisticas e archeologicas.

Devido á gentileza do Sr. Dr. Alfredo da Cunha, digno presidente da Associação, que tomou á sua conta a impressão do relatório, poude a comissão, composta dos srs. D. José Pessanha, José Queiroz, Nogueira de Brito e Matos Sequeira, apresentar agora a publico o resultado dos seus trabalhos.

Matos Sequeira, o relator, desempenhou-se da sua incumbencia com a sabedoria e o brilho literario que são peculiares aos seus estudos; e a reunião de pessoas que, como D. José Pessanha, na architectura, José Queiroz, na ceramica, Nogueira de Brito, na epigraphia e Matos Sequeira, em questões de historia geral e de topografia historica, são das mais consideradas do nosso meio scientifico, produziu um trabalho digno de menção, pelas noticias, pelas numerosas illustrações — fotografias de L. de Bettencourt, A. de Sotto-Mayor e V. Correia, desenhos de José Queiroz —, e pela fórma.

Fica assim como uma obra de valor este trabalho, não só intrinsecamente, mas por ser, para o futuro, um documento fiel do estado em que se encontravam, em 1914 e 1915, os monumentos a que se faz referencia nesta nova especie de *visitação*, executada exclusivamente por amor da Arte.

«*O Vinho do Porto — Seu passado, presente e futuro*» (Lisboa-1916) por Julio Eduardo dos Santos: — Se ha terra que conserve nos trabalhos viticolas e vinicolas uma grande soma de costumes e tradições que veem de longe, conservadas rotineira ou voluntariamente, essa é o Douro, região que, como o autor diz a pag. 12 do seu valioso livro, «relação alguma tem com a provincia do mesmo nome, pois é uma faixa cortada pelo rio Douro, situada a partir da aldeia de Barqueiros, para o oriente».

Ora é precisamente a referencia a esses trabalhos primitivos da região que interessa esta revista, no livro agricola do sr. Julio Eduardo dos Santos.

Que admira! Quantas vezes a tecnologia rural nos fornece os mais inesperados e preciosos documentos etnograficos. . .

Entre as partes do livro que, sob o nosso ponto de vista, merecem referencia especial podem contar-se parte dos capitulos intitutados: o rio Douro; a propriedade e a população; trabalhos culturais — em que é magistralmente descrito o estupendo trabalho do arranjo do terreno alcantilado em que se planta a vinha —; vinificação, etc; e a Parte IV da obra, — O vinho do Porto na historia.

Como justificação deste trabalho, basta-nos dizer que, nas 255 paginas do seu valioso livro, o autor consegue, apresentando por vezes ideias novas, expostas de modo claro e inteligente — dar-nos uma ideia completa do que seja a região duriense.

«*O Castelo e Fortaleza de Marvão*» (Lisboa-1916) por Possidonio M. Laranjo Coelho: — Nunca é demais louvar e homenagear a publicação de estudos monograficos de vilas, castelos, cidades e regiões distintas, embora de area limitada, da nossa terra. Essas monografias teem um valor incalculavel como elementos da grande historia de Portugal, que alguém fará, um dia, pois é nelas que se archiva um sem numero de pequenas noticias de carácter historico, archeologico e etnografico, que difficilmente chegam aos investigadores das capitães.

A obra que o sr. dr. Laranjo Coelho escreveu pertence a esta categoria. Pela magnifica documentação que apresenta, pela largueza com que trata determinados periodos importantes da historia de Marvão, como as lutas da Restauração e as liberaes, merece o aplauso e as saudações de quantos se dedicam aos estudos historicos.



SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO

Na Administração d'esta Revista encontram-se á venda :

— Capas para encadernar o 1.º volume (n.ºs 1 a 6), gravadas a vermelho e preto, sobre linho nacional, ao preço de **\$50 (quinhentos réis)** cada.

— O 1.º volume, devidamente encadernado, ao preço de **1\$90 (mil e novecentos réis)** cada exemplar.

A segunda edição do n.º 1, que se achava exgotado, ao preço usual de **\$20 (duzentos réis)** cada exemplar.

Tambem nos encarregamos da encadernação do volume, nas mesmas capas, bastando, para isso, que nos sejam enviados os 6 numeros que o compõem, acompanhados da importancia de **\$70 (setecentos réis)** por cada volume a encadernar.

Em todos estes preços estão incluidos o porte do correio e a embalagem. Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

<i>As cangas e jugos portugueses de jungir os bois pelo cachaço</i> , por Eugeniusz Frankowski (Separata da <i>Terra Portuguesa</i>).....	\$20
<i>Azulejos datados — 1.ª série</i> (com muitas illustrações), Dr. Vergilio Correia.....	\$60
<i>Arrufadas de Coimbra</i> (Elementos para o estudo da doçaria portuguesa), por D. Sebastião Pessanha.....	\$20
<i>Ensino profissional</i> (Tése apresentada ao Congresso regional algarvio) por D. Sebastião Pessanha.....	\$20

Pedidos á Administração

